

# Sobrevivência da “Matéria de Bretanha” na *Mensagem* de Fernando Pessoa

MARIA HELENA NERY GARCEZ  
Universidade de São Paulo  
Brasil

Fernando Pessoa (1888-1935), que não escondia sua grande admiração por poetas construtores como Dante ou Milton, arquitetou e ergueu, por sua vez, a estrutura poética complexa e enigmática do poema pátrio *Mensagem*, que fez questão de publicar em 1º de dezembro de 1934, data da celebração nacional da Restauração da Independência de Portugal, que nesse ano caiu em sábado.

A construção de *Mensagem* realiza uma síntese ambiciosa. A história pátria resulta integrada numa interpretação histórico-literária de um processo cujas raízes provêm da Antiguidade, cujo desenvolvimento é recapitulado em figuras decisivas da Idade Média, com seu clímax ocorrendo no surgimento dos tempos modernos e sofrendo, depois, solução de continuidade. Tal solução de continuidade do projeto pátrio, que assumira proporções gigantescas, beirando o divino, foi o ponto de inflexão da história lusitana, que ofereceu e até hoje oferece matéria para interpretações infindas, artísticas ou doutras naturezas. De todas as interpretações poéticas que conheço do desastre português, *Mensagem* é a mais genial e esteticamente a mais bem sucedida até o presente, pois o resgata.

Que na arquitetura desse poema entra “a matéria clássica” da Antiguidade e a do Renascimento português vê-se com facilidade. Na história portuguesa ocorrera o grande empreendimento das navegações e consequentes descobertas, celebrado em verso heroico e estilo sublime na epopeia quinhentista de Luís de Camões, concebida segundo o modelo da *Poética* aristotélica e doutras humanistas e renascentistas. *Mensagem*, embora nunca mencione diretamente o poema camoniano e/ou seu vate, não deixa de tê-los presentes, pois *Os Lusíadas* constitui um dos arquitextos do poema pessoano. Mas também basta uma breve vista d’olhos pelo Sumário do poema novecentista para dar-se conta de que “a matéria clássica” e a neoclássica não esgotam o fundamento sobre o qual se edifica *Mensagem* e ver que em sua estrutura entram um Brasão com seus Campos, Castellos<sup>1</sup>, Quinas, cavaleiros como o Conde D. Henrique, Nunalvares Pereira, D. Sebastião, as rainhas D. Tareja, D. Philippa de Lencastre e outros elementos mais. Recriada no espaço lusitano e em função dele, entra a matéria cavaleiresca inspirada na “matéria da Bretanha”, tendo como protagonistas personalidades históricas de heróis portugueses, mitificadas segundo as categorias e o espírito que criou a novela medieval. Se *Mensagem* supõe *Os Lusíadas*, supõe também *A Demanda do Santo Graal*, e elementos fundantes oriundos dos mitos da “matéria da Bretanha” integram seu arquitexto. Eles foram os meios de que o poeta se serviu para sublimar e espiritualizar ao máximo o

---

1 Utilizaremos, ao longo deste trabalho, a ortografia adotada por Fernando Pessoa em seu poema *Mensagem*.

empreendimento histórico das navegações e descobertas, em si predominantemente comercial e cruel. No documento 23/4 do envelope 125 A do espólio, publicado por Serrão, diz Pessoa, não sem xenofobia:

Que Portugal tome consciência de si mesmo. Que rejeite os  
Elementos estranhos. Ponha de parte Roma e a sua religião.  
Entregue-se à sua própria alma. Nela encontrará a tradição  
dos romances de cavalaria, onde passa, próxima ou remota,  
a Tradição Secreta do Cristianismo, a Sucessão Super-  
-Apostólica, a Demanda do Santo Graal<sup>2</sup>.

Não terá sido isso o que o poeta de Orpheu realizou em *Mensagem*?

Construiu seu poema dividindo-o em três partes: Brasão, Mar Português, O Encoberto, edificadas sobre um fundamento que o percorre inteiramente: a categoria da demanda. Tal como no arquitexto medieval, tudo nele gira em torno de uma busca incessante e ansiosa. Se, sob o aspecto da espiritualidade, compararmos a epopeia camoniana a *Mensagem*, salta à vista que o texto pessoano é constitutivamente mais impregnado de espiritualidade do que aquela. Na epopeia existe uma profissão de fé oficial no cristianismo, profissão formal, contida, feita de modo bastante racional; manifesta-se igualmente um espírito de cruzada, de defesa e desejo do “aumento da pequena cristandade”. No poema novecentista, porém, a fé ressuma, destila-se dos poros de praticamente cada um dos poemas e personagens, não é nem oficial nem racional nem formal; é ardente, febril e até irracional ou suprarracional. Do começo ao fim, *Mensagem* é substancialmente demanda; tudo nela está mergulhado na e envolto por essa categoria que a define. Se *Os Lusíadas* estão na base de sua construção – e de fato estão –, *A Demanda do Santo Graal* e sua herança de fé e busca de valores espirituais ainda o está mais.

*Mensagem* foi criada para ser sempre sublime e mística; todas as personalidades da história portuguesa que nela comparecem estão elevadas a um patamar de santidade, em que não se admite menção a erros ou a ações que as desabonem, como por vezes acontece no poema camoniano. As malfetorias havidas na realidade histórica – que as houve – são solenemente omitidas e essas figuras recebem, no alto de sua glória, o louvor e a exaltação da pátria.

Visitemos agora trechos da novela medieval, importantes para o esclarecimento dos objetivos daquela demanda, que poderão servir para confronto com os da nova demanda; iniciemos com o diálogo entre Tristão, recém-chegado à corte do Rei Artur, e Lancelote:

– Amigo Lancelote, é verdade que veio Galaaz, o mui bom cavaleiro,  
à corte, aqueleque há de acabar o assento perigoso e há de dar fim  
às aventuras do reino de Logres?  
– Com certeza, amigo, disse Lancelote, ele veio à corte e acabou  
o assento perigoso e deu cabo da aventura de uma espada (...)<sup>3</sup>.

Desde o início da novela espera-se o cavaleiro desejado, pelo qual as maravilhas do reino de Logres e de outras terras terão fim<sup>4</sup>. Ele é representado com traços semelhantes ao de Cristo ressuscitado, como no momento de sua entrada na sala dos comensais da Távola Redonda: “não houve no paço quem pudesse entender por onde Galaaz entrara, que em sua vinda não abriram porta nem janela. (...) E Galaaz,

2 Joel Serrão, *Sobre Portugal: Introdução ao Problema Nacional*, pp. 177-8.

3 *A Demanda do Santo Graal*, 23, p.40.

4 Cf. 16, p. 35

assim que chegou ao meio do paço, disse de modo que todos ouviram: – A paz esteja convosco”<sup>5</sup>. Após Galaaz ter concluído uma aventura num mosteiro, relatada no capítulo 57, eis a fala do homem velho, que lá vivia, interpretando-a:

(...) aquela missão para a qual o Pai enviou seu Filho à terra para livrar o povo, agora está renovada. (...) assim vos escolheu Nosso Senhor sobre todos os cavaleiros, para vos enviar pelas terras estranhas, para destruídes as difíceis aventuras e para fazerdes conhecer como surgiram e de que modo foram começadas. E por isso se deve ensinar a vossa vinda como a de Jesus Cristo, quanto à semelhança, mas não em grandeza. (...)<sup>6</sup>.

Galaaz, mesmo antes de aparecer, é o desejado, o cavaleiro perfeito, puro em sua virgindade, o melhor do mundo, o que irá “acabar com todas as aventuras do reino de Logres” e aqui é explicitamente assemelhado a Jesus Cristo.

Se Galaaz resolve a aventura do assento perigoso, a da espada e outras, se, nas palavras do homem velho, é o escolhido para ser enviado a “terras estranhas”, para “destruir as difíceis aventuras” seria, então, descabido pensar que, na leitura pessoana da *Demanda do Santo Graal*, a ação portuguesa no desvendamento do Atlântico e na dissipação de seus terrores não tinha muito de análogo a ela e de cavaleiresco? Curiosamente e, de certo modo até paradoxalmente, a empresa das navegações – fato histórico decisivo para a delimitação do início dos tempos modernos – não foi lida por Pessoa à luz daquela novela tão medieval em seu imaginário e em seus valores?

Em *Os Lusíadas*, a façanha de dobrar “os vedados términos” está figurada na vitória sobre o gigante Adamastor, extraído por Camões da mitologia clássica. O português “ousa” ir ver “os segredos escondidos da natureza e do úmido elemento”<sup>7</sup>. Na *Mensagem*, embora seja fácil reconhecer no poema “O Mostrengo” o correlato do Adamastor, o enfrentamento com essa “aventura perigosa” não aparece sob trajes clássicos, mas é criada muito mais próxima do demoníaco medieval: o “mostrengo” ergue-se “na noite de breu” a voar, a chiar e a voltear sempre três vezes à roda da nau<sup>8</sup>. Vencida é essa espécie de “besta chiadora” pelo homem do leme, que fala em nome do rei cavaleiro “El-Rei D. João Segundo!” e representa a sua “vontade”. Dissipada essa “aventura difícil” e “perigosa”, que separava Ocidente e Oriente, opera-se uma mudança fundamental no mundo e dá-se um passo decisivo no sentido da unidade. Vejamos os versos do poema “O Infante”, primeiro de Mar Portuguez:

Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.  
Deus quis que a terra fosse toda uma,  
Que o mar unisse, já não separasse.  
Sagrou-te, e foste desvendando a espuma,<sup>9</sup>

Se “a vontade de El-Rei D. João Segundo” venceu o mostrengo na pessoa do “homem do leme” Bartholomeu Dias, o vencer a divisão da terra, no poema pátrio pessoano, deveu-se também à ação de um cavaleiro português, fundamental nessa demanda, o Infante D. Henrique, da Dinastia de Avis,

5 *Idem ibidem*.

6 *Ibidem*, 60, p.66.

7 Luís V. de Camões, *Os Lusíadas*, 1985, V, p.42.

8 Cf. Fernando Pessoa, *Mensagem. Poemas Esotéricos*. 1993, p.50.

9 *Idem, ibidem*, p. 47.

Grão-Mestre da Ordem de Cristo. Embora pessoalmente ele nunca tenha partido numa expedição de descobertas, a ele Portugal deveu o início, o grande impulso e as providências para financiar e executar a empresa das navegações. O Infante foi, no início do século XV, como que o centro das operações do empreendimento; *mutatis mutandis*, de algum modo representou papel análogo ao do Rei Artur, enquanto reunia os cavaleiros na Távola Redonda em Camalote e de lá os enviava à demanda. A voz da enunciação, no poema citado, usa a forma verbal “sagrou-te” para a ele dirigir-se, significando a vontade divina que, segundo ela, o tornava ungido, e ainda inclui no termo a evocação de Sagres, o promontório utilizado pelo Infante para reunir estudiosos e observações científicas. D. Henrique, o mentor de Sagres e, na demanda da *Mensagem*, o cavaleiro sagrado para promover e prover à grande “aventura” que permitiu passar do Atlântico ao Índico, possibilitou também que o mundo visse “a terra inteira, de repente,/ Surgir, redonda, do azul profundo”. Isso diz a segunda estrofe do mesmo poema.

Voltemo-nos agora para o Brasão, Primeira Parte da *Mensagem*, e examinemos como o poema inicia. Lembremos que o brasão escolhido por Pessoa para ser poeticamente verbalizado não é o de Portugal, mas o do Infante. O de Portugal é encimado, no timbre, por uma serpe alada, enquanto este é encimado por um grypho, animal fabuloso, de cabeça e asas de águia e corpo de leão. Ter o poeta escolhido o brasão do Infante manifesta a fundamental importância histórica e mística que ele lhe reconheceu e quis lhe conferir em seu poema interpretativo da gesta lusa.

Retornando ao Brasão, nele discernimos, nos dois poemas de abertura, respectivamente, o campo das relações histórico-geográficas à época contemporânea à da escrita de *Mensagem* e o das relações entre a ordem humana e a divina. Nessa divisão faz-se presente o modo de composição das epopeias clássicas: nelas, após a caracterização da situação histórica e/ou narrativa e seus conflitos, seguiam-se as reuniões dos deuses a discutirem suas posições sobre o plano humano e a tomarem conhecimento das determinações do Destino.

Na *Mensagem*, proposta numa síntese admirável a situação histórico-geográfica, política e cultural do mundo das primeiras décadas do século XX, passa-se imediatamente à relação humano/divino, ao mesmo tempo focada sob um aspecto pagão – a voz enunciadora fala de deuses – e cristão – pois ilustra o proposto com o sacrifício de Cristo, visto como o protótipo dessas relações.

O campo das Quinas, no coração do escudo, cumpre o verso: “compra-se a glória com a desgraça”. No centro da história portuguesa, segundo o poema, está um sacrifício, análogo ao de Cristo, e quatro das figuras que compõem as Quinas são cavaleiros da dinastia de Avis, irmãos do Infante D. Henrique: D. Duarte, D. Fernando, D. Pedro e D. João, sendo a quinta o rei D. Sebastião, o último descendente dessa dinastia. Cada uma delas, a diferentes títulos, sacrificou sua vida pelo reino de Portugal, essa desgraça, que vê profética e misteriosamente inscrita no escudo português desde a fundação do reino, foi interpretada, na lógica do poema, como o preço da glória portuguesa conquistada na aventura das navegações.

Encimando o escudo está a Coroa, que Pessoa personifica no cavaleiro Nunálvares Pereira, sobre cuja espada o poema diz: “Mas que espada é que, erguida,/ Faz esse halo no céu?/ É Excalibur, a unguida,/ Que o Rei Arthur te deu”<sup>10</sup>. Esse cavaleiro assegurou a vitória de Aljubarrota, evitando a sujeição de Portugal a Castela e cumpriu sua aventura na demanda sendo o sustentáculo da coroa portuguesa. Por isso, é chamado, na estrofe seguinte, de “S. Portugal em ser”, numa alusão à sua vida de cavaleiro cristão exemplar.

Culminando o brasão temos o grypho, que constitui o timbre, assim disposto: a cabeça da águia é D. Henrique, uma das asas, D. João, o Segundo, e a outra, Affonso de Albuquerque. Cabeça da águia, o Infante não foi sacrificado como seus irmãos. Tendo sido o iniciador e grande impulsor da demanda do desbravamento do Atlântico, voou muito alto, viu longe. Por isso, no poema a ele consagrado, lemos:

<sup>10</sup> *Idem, ibidem*, p. 35.

“Tem aos pés o mar novo e as mortas eras – / O único imperador que tem, deveras, / O globo mundo em sua mão”<sup>11</sup>. Esse cavaleiro enviou outros cavaleiros para terras estranhas, à maneira de Artur, e também escudeiros – lembremos Gil Eanes que, para passar o Bojador, teve que passar “além da dor” – a fim de destruírem difíceis aventuras. Águia e leão, foi figura ímpar na constituição da nacionalidade e do império, daí seu brasão ter sido o escolhido como o fundamento sobre o qual a voz poética ergueu sua interpretação da história pátria. *Mar Portuguez* abre-se com o já mencionado poema “O Infante”, assim como, na realidade histórica, a demanda da *Possessio maris* se abriu sob a sua ação. Vejamos a terceira estrofe:

Quem te sagrou creou-teportuguez.  
Do mar e nósem ti nos deu signal.  
Cumpriu-se o Mar, e o Império se desfez.  
Senhor, falta cumprir-se Portugal<sup>12</sup>.

Enfatiza-se, agora, a nacionalidade do Infante. Além de sagrá-lo, atentemos para o acréscimo: Deus criou-o português. E o verso seguinte explicita ser esse o sinal dado do mar e do povo (“Do mar e nós em ti nos deu signal”), sinal, aliás, anunciado na epígrafe que preside a todo o poema: *Benedictus Dominus Deus Noster qui dedit nobis signum*<sup>13</sup>. O Infante, sagrado para presidir à grande demanda que instaurou os tempos modernos, cumpriu sua parte. Mas, para a voz poética, a demanda não terminou com a posse do mar, com a descoberta do caminho marítimo das Índias, com a destruição do obstáculo de separação dos oceanos, não terminou com a constituição de um “Império”, agora já desfeito. A invocação “Senhor”, é ambígua. A voz da enunciação pode estar se dirigindo a Deus, ao próprio Infante ou a um misterioso e análogo alguém que, numa esfera outra tenha o poder de ouvir e atender a seu enigmático apelo. O que fica claro é que na demanda promovida pelo Infante, Portugal ainda “não se cumpriu” totalmente e que, portanto, ela deve continuar. Seu objeto irá constituir a Terceira Parte do poema, O Encoberto, em que a referida Tradição Secreta do Cristianismo, a que Pessoa aludiu no texto em prosa citado no início, alia-se a um nacionalismo exacerbado. Veja-se o poema

#### O Desejado

Onde quer que, entre sombras e dizeres,  
Jazas, remoto, sente-te sonhado,  
E ergue-te do fundo de não-seres  
Para teu novo fado!

Vem, Galaaz com pátria, erguer de novo,  
Mas já no auge da suprema prova,  
A alma penitente do teu povo  
À Eucharistia Nova.

Mestre da Paz, ergue teu gládio ungido,  
Excalibur do Fim, em jeito tal  
Que sua Luz ao mundo dividido  
Revele o Santo Gral!<sup>14</sup>

11 *Idem, ibidem*, p.39.

12 *Idem, ibidem*, p.47.

13 *Idem, ibidem*, p. 6.

14 *Idem, ibidem*, p. 69.

“Galaaz com pátria”, ou seja: Galaaz português, qualquer que seja o significado que, no poema se vá conferindo a esse adjetivo normalmente caracterizador da nacionalidade. Ora, dentre os cavaleiros que participam da demanda instaurada neste poema parece-nos que três poderiam ser aproximados ao Galaaz do arquitepo medieval: Nunálvares Pereira, o Infante D. Henrique e o jovem rei D. Sebastião.

Em favor do Condestável Nunálvares: foi o cavaleiro que conseguiu a vitória de Aljubarrota graças a seu gênio de estrategista e à sua fé excepcional; foi um baluarte da independência portuguesa após tão grande vitória, defendendo-a nas situações de perigo; foi sumamente leal a seu rei, exemplar nas virtudes e corajoso.

Contra D. Nuno como o novo Galaaz está o fato de que, embora tivesse o propósito de manter-se virgem, seu pai instou-o a casar-se e ele aceitou. Após a morte de sua mulher, entrou para a Ordem Carmelita.

Em favor do Infante D. Henrique: foi um dos filhos da Rainha D. Philippa de Lencastre, introdutora, na corte portuguesa, dos princípios e modos da cavalaria da Grã Bretanha, ou seja, da tradição do Graal, nas décadas finais do século XIV. Exímio cavaleiro, foi exemplar no cultivo das virtudes e religioso; Grão-Mestre da Ordem de Cristo, segundo Zurara guardou a virgindade durante toda a vida, informação posteriormente contestada por Magalhães Godinho, em Nota no vol. 1 da obra *Documentos sobre a Expansão Portuguesa*, publicada só após a morte de Pessoa. O Infante seria casto, mas na época da escrita de *Mensagem* a informação de Zurara era corrente.

Em favor de D. Sebastião: desde muito jovem viveu com ardor os ideais da cavalaria, era virgem e desejava manter-se nesse estado, embora fosse o rei e necessitasse ter descendentes. Muito voltado aos valores religiosos, promoveu uma cruzada contra os mouros para defesa do cristianismo no norte da África, em Alcácer-Quibir, aonde desapareceu.

Pelo exposto, os dois últimos são os que reúnem mais traços de semelhança com Galaaz. Tanto um quanto o outro, ou ainda alguém mais, de equivalente estatura moral, poderia ser o Galaaz português, invocado no poema, para erguer-se ao seu “novo fado”.

No início deste trabalho, vimos que Galaaz é uma figura crística, mas não é o Cristo, pois o trecho citado da *Demanda* tem o cuidado de esclarecer: “(...) E por isso se deve ensinar a vossa vinda como a de Jesus Cristo, quanto à semelhança, mas não em grandeza”.<sup>15</sup> Do mesmo modo, “O Desejado” português é semelhante a Galaaz, mas nem é Galaaz, nem o Cristo. Terá, no mito criado pelo poema, a missão de levar seu povo à “Eucaristia Nova”, a uma profunda e amorosa união espiritual. “Mestre da Paz”, prepara-lo-á para o Fim; será uma espécie de precursor da Parusia. Tudo isso faz pensar que, na economia do poema, talvez se possa ver neste “desejado Galaaz com pátria” aquele que virá cumprir a aventura de instaurar o Quinto Império – “sonho das eras portuguesas”<sup>16</sup> – interlúdio de paz a preceder a Parusia ou Segunda Vinda de Cristo e o estabelecimento do Novo Céu e da Nova Terra.

Se a invocação é ao Infante ou a D. Sebastião, ou mesmo a D. João IV (como, interpretando as profecias do Bandarra, aventara o Pe. António Vieira em sua carta ao Bispo André Fernandes, presentes ambos nos poemas “Avisos”, da Terceira Parte de *Mensagem*), isso não importa muito, porém. O que, de fato, importa é que surja esse alguém, um alguém, com a força e a elevação moral mítica daqueles cavaleiros.

Para ir finalizando estas reflexões, cabe agora transcrever a fala do Rei Peles, na *Demanda do Santo Graal*, logo que ficou curado de suas chagas pela mediação de Galaaz:

<sup>15</sup> A *Demanda do Santo Graal*, 60, p. 66.

<sup>16</sup> Fernando Pessoa, *op.cit.*, p.77.

– Filho, santo cavaleiro e santa pessoa, cheio de grande direito, rosa perfeita e lírio me semelhas perfeitamente, porque és limpo de toda luxúria. Rosa me semelhas perfeita, porque és mais formoso do que outro cavaleiro e melhor e de melhor graça, repleto de todas as virtudes e de todas as habilidades do mundo. És árvore nova de Jesus Cristo<sup>17</sup>, que ele encheu de todos os bons frutos que alguém poderia ter.<sup>18</sup>

Cabe, também, acrescentar que o Infante D. Henrique, falecido em 1460, foi enterrado primeiro em Lagos e posteriormente, em 1461, trasladado para o convento da Batalha. Sobre seu túmulo vê-se sua estátua jacente de pedra, que em relevo o representa ao natural, vestido de armas brancas e coroado de coroa real, entretecida de folhas de carvalho – símbolo de força e sabedoria – e uma rosa no meio.

Coincidência ou não, em documentos do espólio, Fernando Pessoa, cristão gnóstico de acordo com sua declaração, estabelece, em um desses documentos, uma relação esotérica entre a Ordem dos Templários, a Ordem de Cristo e a Fraternidade da Rósea Cruz. Cito o texto 54-1, envelope Ocultismo<sup>19</sup>:

Destruída como Ordem Externa em toda a chamada christandade, não foi contudo a Ordem do Templo internamente destruída. Nem externamente o foi de todo. Disfarçou-se na Escócia, disfarçou-a D. Dinis em Portugal. Converteu a Ordem Externa em Ordem de Christo; e, por traz da Ordem de Christo, continuou intacta, como ainda hoje está, a Ordem Interna do Templo. (...).

No resto da Europa, a reorganização effectuou-se na Allemanha, um pouco mais tarde, e tomou a forma, a um tempo interna e externa, da Fraternidade da Rósea Cruz.

Era fim secreto dos Templários transformar a Igreja de Roma, operando nella de dentro, em Igreja Catholica. (...)

Galaaz é “rosa perfeita”; a estátua jacente do Infante D. Henrique, Grão-Mestre da Ordem de Cristo e impulsionador da demanda marítima, traz uma rosa no meio da coroa real de folhas de carvalho. Sinal de eleição divina? Distintivo de pertença a uma Fraternidade? Mera coincidência? Seria, na visão de Pessoa, a Tradição Secreta do Cristianismo – de que Portugal fora feito Templo (poema Septimo I, D. João o Primeiro, de “Os Castellos”) – a manifestar-se numa linguagem que só é dada a compreender a iniciados? A esses – e precipuamente a eles – é que é dado entender em plenitude o poema “O Encoberito”, precisamente aquele que é o Quinto dos Symbolos. Para esses, a demanda de *Mensagem* e de Portugal continua seu processo... No dia da Restauração da Independência da pátria, o poeta de Orpheu dá à luz essa sua mensagem, cuja palavra final é o vaticínio de que a Hora tinha chegado, seguido da saudação esotérica *Valete, fratres*.

17 No Canto I, 7 Camões assim se refere a D. Sebastião: “Vós, tenro e novo ramo florescente/ D’uma árvore de Cristo mais amada/ Que nenhuma nascida no Ocidente,”

18 *A Demanda do Santo Graal*, 590, p. 446.

19 *Apud* Maria Helena Nery Garcez, “Do Desconcerto e do Concerto do Mundo em *Mensagem*”, p.10.

**BIBLIOGRAFIA SELECIONADA**

A *DEMANDA do Santo Graal*. Texto sob os cuidados de Heitor Megale. São Paulo, T. A. Queiroz e EDUSP, 1988.

CAMÕES, Luís V. de. *Os Lusíadas*. Edição organizada por Emanuel Paulo Ramos. Porto, Porto Editora, 1985.

GARCEZ, Maria Helena Nery. “Do Desconcerto e do Concerto do Mundo em *Mensagem*”. *Estudos Portugueses e Africanos (EPA)*. Campinas, (12): 1-14, jul.-dez, 1988.

PESSOA, Fernando. *Mensagem – Poemas esotéricos*. Edição crítica, coordenada por José Augusto Seabra. Espanha, Archivos, 1993.

SERRÃO, Joel. *Fernando Pessoa. Sobre Portugal: Introdução ao Problema Nacional*. Lisboa, Ática, 1979.

**RESUMO:** A “Matéria da Bretanha”, representada principalmente pela novela *A Demanda do Santo Graal*, penetrou em Portugal por meados do século XIII e constitui, juntamente com a herança clássica das epopeias da Antiguidade e da quincentista *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, o arquitexto sobre o qual se constrói o poema pátrio *Mensagem*, de Fernando Pessoa. Nesta comunicação, analisamos esse poema épico-lírico sob a categoria de uma demanda que o percorre do começo ao fim e que continua em aberto.

**Palavras-chave:** *A Demanda do Santo Graal* e *Mensagem* – As “aventuras difíceis” em *Mensagem* – O imaginário da *Demanda do Santo Graal* em *Mensagem* – O Infante D. Henrique e a demanda das Navegações

**ABSTRACT:** The “Matter of Britain”, represented mainly by the romance *The Quest of the Holy Grail*, arrived in Portugal around the mid-thirteenth century. Along with the classic heritage of the epic poems from Antiquity and the sixteenth-century *Os Lusíadas*, by Luís de Camões, it can be considered an architext upon which the patriotic poem *Mensagem*, by Fernando Pessoa, is structured. In this paper, we analyze this epic-lyric poem under the category of the quest that runs from its beginning to its end, and that remains unfulfilled.

**Key-words:** *The Quest of the Holy Grail* and *Mensagem* – The “difficult adventures” in *Mensagem* – The imaginary of *The Quest of the Holy Grail* in *Mensagem* – The Infante D. Henrique and the quest of the Navigations